

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

O PAPEL DO PROFESSOR: UMA REFLEXÃO A PARTIR DOS PARADIGMAS DO CONHECIMENTO¹

THE TEACHER'S ROLE: A REFLECTION FROM THE PARADIGMS OF KNOWLEDGE

Mariane Moser Bach²

¹ Estudo realizado na disciplina “Paradigmas do conhecimento” do Mestrado em Educação nas Ciências (UNIJUI).

² Licenciada em Letras-Português e Inglês e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (UNIJUI). E-mail: mariane.bach@gmail.com.

Considerações iniciais

A educação é sempre uma intervenção na vida de alguém, motivada pela ideia de que tornará essa vida, de algum modo, melhor (BIESTA, 2017). Assim, por estar intimamente ligada às trajetórias pessoais, a profissão do professor alimenta e é alimentada por um rico imaginário social.

As concepções acerca da profissão docente se modificaram ao longo da história, pois os próprios entendimentos sobre o significado do conhecimento e da educação não são os mesmos no curso do tempo. Pode-se dizer, consoante Boufleuer (20--?, p. 01), que “a educação é sempre a expressão (racional) do entendimento que determinada sociedade tem em relação ao que constitui propriamente o ‘humano’”. Desse modo, alunos e professores, enquanto sujeitos intrinsecamente constituídos por esses significados, têm seus papéis atribuídos conforme desígnios sociais, ou seja, a forma de operar dessa relação professor-aluno não é permanentemente a mesma.

Uma das maneiras de pensar sobre essa relação educacional é por meio dos paradigmas do conhecimento, que constituem formas consideravelmente estáveis de operar a razão e produzir conhecimentos, sob as quais a ciência se constrói, tanto quanto os paradigmas são construídos pela ciência, em uma espécie de elo recursivo. Cada paradigma predomina sob determinada época, muitas vezes de forma irrefletida, embora eles possam coexistir em um mesmo tempo histórico (BOUFLEUER, 2017).

Considerando isso, o objetivo deste trabalho é compreender a educação e a tarefa do professor sob o viés dos três paradigmas do conhecimento distinguidos por Marques (1992): a) Paradigma ontológico ou metafísico; b) Paradigma moderno da razão subjetiva; c) Paradigma neomoderno da ação comunicativa. Acredita-se que, dessa forma, entendendo melhor qual modo de operar a razão fundamenta nossa compreensão de conhecimento e, por conseguinte, de vida e de mundo, torna-se possível pensar, repensar e melhorar nossas práticas pedagógicas.

1. Paradigma ontológico ou metafísico

O pensamento filosófico tem início quando o homem começa a pensar sobre o seu próprio

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

conhecimento, colocando-se em movimento reflexivo a partir de questionamentos acerca do que é o conhecimento, do que é conhecer e de como saber o que é verdadeiro. As primeiras respostas a essas questões têm sua gênese na filosofia grega, que inaugura a tradição do pensamento ocidental.

Este princípio da Filosofia é caracterizado pela contemplação do eterno, ou seja, daquilo que está para além das aparências físicas (MARQUES, 1992). Nessa vertente de pensamento, Platão funda uma lógica binária de separação entre a aparência e a essência, que influenciou consideravelmente a nossa maneira de pensar até os dias de hoje. Enquanto a aparência se manifesta no mundo sensível, material, de formas passageiras e imperfeitas, a essência das coisas se encontra no mundo das ideias, acessível mediante a razão, no qual a ideia ou conceito sobre determinado objeto permanece mesmo depois que ele já desapareceu, sendo, portanto, uma forma eterna e perfeita. Segundo essa concepção, o conhecimento é a busca do homem em descobrir, ou recordar, a essência das coisas, portanto, existe uma relação entre um objeto portador de uma essência e um sujeito que busca capturá-la.

Nessa perspectiva do paradigma ontológico, o professor é: o portador de uma visão essencial das coisas e, portanto, do conhecimento; sujeito ativo, aquele que detém o poder de ação sobre o aluno; o responsável por transmitir os seus saberes ao aluno, tal como os construiu para si mesmo. Na outra extremidade dessa relação, encontra-se o aluno: sujeito igual a todos os demais alunos na sua ignorância radical, cuja tarefa é assimilar o conteúdo transmitido pelo professor; sujeito passivo, alvo da ação do seu mestre; aquele que possui o dever de ser disciplinado e esforçado para memorizar o conhecimento transmitido pelo professor, em um exercício de repetição da aprendizagem que este já realizou (BOUFLEUER, 20--?).

Mario Osório Marques resume bem a relação professor-aluno e a função do ensino segundo essa concepção, predominante no período antigo e medieval:

"O ensino, nesta concepção metafísica, consiste em transmitir fielmente verdades aprendidas como imutáveis; e a aprendizagem é a assimilação passiva das verdades ensinadas. Ensinar é repetir; aprender é memorizar. É decisivo o papel do professor, insubstituível em sua qualidade de portador individual dos conhecimentos depositados na tradição cultural. Os alunos são todos iguais, desde sua ignorância radical dos conhecimentos de que necessitam para se adaptarem ao cumprimento de suas futuras obrigações" (MARQUES, 1992).

Este modo de operar a educação, na qual ela é entendida como a transmissão e a memorização de verdades já desveladas, e a pedagogia é a operação de condução de um estado de ignorância para a luz do saber (ibid.), encontra seu extremo em um termo cunhado por Paulo Freire (1987) que refere como "educação bancária" o processo de ensino pelo qual o educando é um depositário de informações e comunicados narrados pelo educador. Nesse cenário, tão melhor será o educador quanto mais "encher" com seus "depósitos" o "recipiente" (educando), o qual, por sua vez, será

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

melhor aluno a medida que mais docilmente receber tais “depósitos”. Consoante Freire, esta é uma educação que não contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e funciona como um instrumento de opressão social.

2. Paradigma moderno da razão subjetiva

Conforme Bouffleuer (20--?), o pensamento da modernidade e da contemporaneidade é hegemonicamente marcado pelo paradigma da razão subjetiva (também chamado Filosofia da Consciência). Esse período caracteriza-se pela virada do teocentrismo para o antropocentrismo, segundo o qual o homem se coloca como centro de sua vida, acreditando na soberania de sua racionalidade como caminho para a felicidade e o desenvolvimento da sociedade, assumindo, inclusive, o posto de Criador da realidade do mundo. Em outras palavras, “o mundo conhecível é aquele que as estruturas da razão subjetiva são capazes de produzir” (ibid., p. 05).

Essa concepção da filosofia moderna se fundamenta a partir do pensamento de René Descartes, para quem a verdade está nas ideias claras e distintas de um sujeito racional e absoluto, sobre um objeto que pode ser mensurável a partir de um método. Portanto, permanece a relação sujeito-objeto na equação do conhecimento, embora esta seja o inverso daquela estabelecida no paradigma das essências: agora é o sujeito que age sobre o objeto, pois a razão está no sujeito e é ele quem cria uma representação de mundo, passível de sua intervenção. Aqui, o conhecimento serve “para tornar-nos senhores e possuidores da natureza” (DESCARTES, 1985, p. 79).

A confiança no poder ilimitado da razão é encarnada pelo Iluminismo e corroborada pelo “florescimento das ciências na natureza e pela evolução tecnológica” (BOUFLEUER, 20--?, p. 05).

"[...] Kant providenciou a clássica definição do Iluminismo como ‘a liberação dos homens de sua tutela autoinfligida [unmündigkeit] por meio do exercício de sua própria compreensão’ (KANT, 1992, p. 90). De forma bastante interessante, Kant também afirmava que a vocação e a propensão dos homens para o livre pensar só podia ser criada por meio da educação. (KANT, 1982, p. 701). Ele assim colocava a educação no próprio centro do Iluminismo, dando aos educadores a tarefa e a responsabilidade de liberar a racionalidade dos seres humanos para torna-los autônomos" (BIESTA, 2017, p. 134).

Nesse contexto, portanto, a educação assume-se como um dos pilares do projeto moderno, sob a responsabilidade de relevar ou liberar a racionalidade potencialmente presente no ser humano, a fim de desenvolver sua autonomia, palavra que se torna muito presente nos discursos educativos desde então. De acordo com Biesta (2017), essa abordagem influenciou várias teorias educacionais, como a de Piaget e Kohlberg, assim como as abordagens críticas da educação que se inspiram em Hegel, Marx e no neomarxismo, tal como a obra de Paulo Freire e parte da pedagogia crítica.

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

Junto a ascensão da escola moderna, da universalização da educação, dos sistemas nacionais educativos e do currículo por disciplinas, emerge a figura de um professor agora colocado sob o patamar de vanguarda intelectual, que projeta a produção das novas gerações, adequando-as a um projeto de sociedade, o qual encontra-se cada vez mais subordinado às questões econômicas (BOUFLEUER, 20--?; MARQUES, 1992). A tarefa do professor torna-se a de oportunizar, verificar e quantificar a “aprendizagem dos conteúdos científicos e a apropriação das técnicas que permitem o conhecimento e o domínio racional da natureza e da sociedade” (BOUFLEUER, 20--?, p. 05).

3. Paradigma neomoderno da razão subjetiva

A virada paradigmática da razão subjetiva para a ação comunicativa é uma mudança radical no modo de compreender o conhecimento, que perde seu caráter metafísico e autoconsciente com o rompimento da relação entre sujeito e objeto e passa a ser percebido, conforme Marques (1993), na “relação entre pessoas (atores sociais) e proposições”. Por isso, fala-se de uma razão intersubjetiva, pois a objetividade se dá nos entendimentos construídos entre os sujeitos, uma vez que o conhecimento não se dá pelo acesso direto à coisa enquanto coisa, mas pelas palavras (HERMANN, 2002). A linguagem, portanto, assume o papel central na racionalidade. Isto significa, segundo Boufleuer (20--?, p. 07), que o conhecimento estará “sempre dependente de argumentos, de entendimentos linguisticamente mediados, com o que ele configura uma construção provisória, sempre passível de revisão”.

Na compreensão de Mário Osório Marques (1992; 1993), essa virada paradigmática é essencial para a reconstrução da modernidade em seu desgaste pós-moderno. Por isso o autor fala de uma neomodernidade, que exige a reconstrução radical da própria razão, sem centrar-se na subjetividade individual, mas também sem negar os ideais iluministas, agregando a eles, em alternativa, a ideia de abertura às múltiplas vozes que compõem a razão no jogo da livre comunicação, numa profunda revisão epistêmico-hermenêutica. A educação, por sua vez, faz-se imprescindível nessa reconstrução.

E o que significa educar com base no paradigma da razão comunicativa? Segundo Boufleuer (20--?), consiste em inteirar-se dos conhecimentos estabelecidos, das razões que os produziram e que os mantêm como válidos, bem como inserir-se nos processos de validação e refutação dos saberes, propiciando aos alunos também a inserção nesses movimentos, à medida que estes produzem novas e mais qualificadas percepções acerca da vida e do mundo.

Ademais, outra questão importante, ainda conforme o autor (ibid.), consiste em que o professor supere a expectativa de ver na aprendizagem do aluno o reflexo de sua própria aprendizagem, uma vez que este último deve poder manifestá-la dentro do seu próprio horizonte de referências e experiências. Assim, a aprendizagem se dá como uma reconstrução do conhecimento em perspectiva própria, que é irrepetível. Para tanto, o “comparecimento” do educando é requisito fundamental, afinal se o conhecimento não pode simplesmente ser transferido, será em vão os esforços do professor se o aluno também não estiver engajado no processo de ensino-

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

aprendizagem.

Por fim, vale ressaltar que se entendermos a linguagem não como instrumento, mas como estruturante e constitutiva do humano e, concordarmos com Biesta (2017), de que atualmente a questão mais importante já não é como podemos dominar racionalmente o mundo natural e social, mas sim como podemos reagir responsavelmente e pacificamente com o que e a quem é outro, então será possível afirmar que uma tarefa do professor é a de colocar-se como interlocutor no diálogo da construção do conhecimento, estabelecendo uma relação com o aluno, na qual ambos possam criar e qualificar seus discursos, como forma de qualificar a própria vida e a dos outros a sua volta.

Referências

BIESTA, Gert. *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano*. Tradução Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BOUFLEUER, José Pedro. A Filosofia da Educação no Curso de Graduação em Pedagogia: uma abordagem a partir dos paradigmas do conhecimento. In.: BANNEL, R.I.; GOMES, L.R.; GALLO, S.; PAGNI, P.A. (orgs). *Filosofia da educação: entre a formação de educadores e a qualificação profissional*. São Paulo: Cortez, 2017, p. 98-115.

_____. *Paradigmas do conhecimento e da educação*. [S.l.]: [20--?].

DESCARTES, René. *O discurso do método*. Brasília: Editora UnB, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

MARQUES, Mario Osorio. *Conhecimento e modernidade em reconstrução*. Ijuí: Editora Unijuí, 1993.

_____. Os paradigmas da educação. In.: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. v. 73. n. 175. P. 547-565. set/dez; Brasília, 1992.